



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais Liberté e El Khabar, da Argélia**

Publicada em 05 de novembro de 2007

Jornalista: O Brasil, grande país emergente, acumulou experiência considerável quanto ao desenvolvimento econômico e social. Vossa Excelência poderia explicar-nos a política aplicada para que estes resultados fossem atingidos?

Presidente: Estamos comprometidos, no Brasil, com um modelo de desenvolvimento que faz da valorização das camadas mais humildes da população um de seus vetores principais. Articulamos uma política macroeconômica com políticas sociais capazes de distribuir renda e gerar inclusão.

Os resultados que alcançamos são auspiciosos: crescimento sólido; inflação baixa; expansão do mercado interno, com aumento do consumo popular e do crédito; ampliação do emprego e da renda dos trabalhadores; e – mais importante – redução da pobreza e das desigualdades sociais.

Fundamental para esse êxito é a expansão e consolidação de uma ampla rede de proteção social, que movimenta a economia de municípios pobres e garante direitos sociais básicos, como à alimentação. O programa Bolsa Família, eixo articulador das nossas políticas sociais, oferece benefícios a 11 milhões de famílias carentes, residentes em todos os municípios brasileiros. Em contrapartida, as famílias devem assegurar: frequência escolar, vacinação infantil e acompanhamento pré-natal. Mais do que reduzir a pobreza, esse programa dá acesso à educação e à saúde de qualidade, porta de entrada para uma vida mais digna e produtiva.



Jornalista: Argélia e Brasil mantêm boas relações políticas e econômicas; entretanto os peritos, de comum acordo, consideram que estas relações podem ser incrementadas e se tornarem modelo de cooperação Sul-Sul. Quais são, segundo Vossa Excelência, os meios a serem aplicados e as ações a serem realizadas para que este objetivo seja atingido?

Presidente: As relações Argélia-Brasil são, de fato, ótimas, mas podem melhorar. O diálogo político que tenho com o Presidente Bouteflika é exemplar. No campo econômico, a Argélia é nosso segundo parceiro no mundo árabe e o terceiro na África.

Creio que nossas relações podem ser um exemplo de cooperação Sul-Sul, sobretudo por meio de parceria econômica e de cooperação para desenvolver tecnologias próprias fundamentais para a verdadeira autodeterminação econômica. O Brasil produz modernos aviões regionais e temos tecnologia de radarização de última geração para vigilância do território. No campo agrícola, a EMBRAPA – a empresa estatal brasileira de pesquisa agropecuária – desenvolve trabalho capaz de mudar a face de regiões semi-áridas. Nossas duas gigantes petroleiras, a Petrobrás e a Sonatrach, podem atuar juntas, inclusive em terceiros mercados, na pesquisa petrolífera em águas profundas. A experiência da Argélia na área do gás interessa diretamente ao Brasil, no momento em que buscamos diversificar nossa matriz energética. Por meio da SEBRAE; podemos colaborar na promoção da pequena e da micro-empresa, como grande impacto de geração de empregos. Outras áreas já identificadas com potencial são saúde; informatização do Governo; programas sociais e proteção ambiental.

Essa parceira apresenta possibilidades que extrapolam a esfera bilateral. Pela sua projeção política, sua escala econômica e tecnológica, a Argélia tem tudo para exercer papel decisivo no contexto da crescente interação do Brasil com a África e os países árabes.



Jornalista: No plano internacional, o Brasil tem uma política ativa, visando atenuar os efeitos negativos da mundialização pelo êxito do eixo Sul. Vossa Excelência poderia dar-nos uma visão das ações empreendidas e as que ainda devem ser realizadas?

Presidente: Desde o início do meu Governo demos novo impulso à coordenação política Sul-Sul. Começamos com a construção de uma Comunidade de Nações Sul-americanas, baseada no tripé político, econômico-comercial e de cooperação. A partir daí, aproximamos a América do Sul e os Países Árabes, como parte de esforço para ampliar e fortalecer a nossa voz no mundo, mas sem nenhum ânimo seja de confrontar ou excluir os países ricos. Vamos fazer como eles: aproveitar todas as oportunidades e fazer da união a nossa força diante do grande desafio: o desenvolvimento econômico e social em um quadro de democracia e pleno respeito dos direitos humanos. A intensificação das relações Sul-Sul gera parcerias entre países que antes eram competidores entre si para fornecer matéria-prima barata para as economias industriais.

Juntos podemos ser mais fortes e não apenas aumentar o nosso comércio, mas participar com mais eficácia dos foros econômicos e políticos em que se discutem as grandes questões de interesse da humanidade, como a OMC e a ONU. Esses objetivos estão diretamente vinculados à democratização das instâncias decisórias internacionais. Por isso, defendemos uma reforma ampla do Conselho de Segurança da ONU e das instituições de Bretton Woods. Na Rodada Doha, nossa ação no âmbito do G-20 foi capaz de equilibrar o jogo na OMC, evitando que se perpetue um comércio agrícola internacional distorcido em favor dos países ricos.



Jornalista: Vossa Excelência volta de uma visita à África. Que balanço faz Vossa Excelência do estado atual da cooperação Sul-Sul?

Presidente: Acabo de voltar de minha sétima viagem à África, onde estive em Burkina Faso, República do Congo, África do Sul e Angola. Desde 2003, visitei 19 países africanos, muitos dos quais nunca tinham recebido um Chefe de Estado brasileiro. Inauguramos 12 novas embaixadas na região em meu Governo e o número de missões diplomáticas africanas em Brasília passou de 16 (em 2003) para 24.

O comércio entre Brasil e África avança em ritmo impressionante. Triplicou, desde 2002, atingindo US\$ 15,5 bilhões. Na agenda de cooperação, desenvolvemos desde parcerias técnicas até financiamentos, passando por projetos conjuntos em saúde, educação, energia e muitas outras áreas. Ressalto o estabelecimento de um escritório da Embrapa em Gana, os acordos para o desenvolvimento de biocombustíveis na África, e as bolsas para estudantes africanos no Brasil. As empresas brasileiras estão cada vez mais presentes no continente africano, participando de obras de infra-estrutura.

Essas iniciativas com a África, o Brasil também está aperfeiçoando com parceiros na América Latina e no Caribe e na Ásia. Com todas essas regiões nosso comércio e cooperação técnica têm aumentado significativamente, assim como os investimentos, sobretudo de empresas brasileiras atuantes em projetos de infra-estrutura. Ao mesmo tempo, estamos dispostos a aprofundar parcerias triangulares envolvendo países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Jornalista: A questão da Palestina, a situação no Iraque, no Afeganistão e o dossiê nuclear iraniano constituem fatores de tensão e de instabilidade no mundo. Como Vossa Excelência vê as soluções para estas crises?



Presidente: A solução pacífica das controvérsias é princípio basilar da política externa brasileira. Acreditamos na força da negociação e do diálogo. As soluções para alguns dos temas que você mencionou passam por esforços diplomáticos nos foros multilaterais adequados, sejam eles a ONU ou a AIEA. Em muitos desses conflitos, no entanto, a falta de avanços concretos se deve à ausência de uma verdadeira mediação, conduzida por atores com a credibilidade e isenção necessária.

Nessas condições, cabem negociações bilaterais e plurilaterais, com a participação de países amigos e facilitadores. O que devemos evitar é a tentação da ruptura, das atitudes unilaterais, da escolha de atalhos que não nos levarão a soluções duradouras. Meus anos como sindicalista me ensinaram que é conversando que as pessoas se entendem. Pela sua postura tradicionalmente equilibrada, ademais do fato de milhões de brasileiros serem de ascendência árabe, o Brasil foi convidado e aceitou convite para participar da negociação a realizar-se nos EUA, ainda este ano, para retomar o processo de paz entre palestinos e israelenses.